

*José Cardoso Pires*

---

O  
RENDER  
DOS  
HERÓIS

três partes e um epílogo  
concluído em apoteose grotesca

MORÆS  
editores

*Obras de José Cardoso Pires :*

OS CAMINHEIROS E OUTROS CONTOS

1946 | *esgotado*

HISTÓRIAS DE AMOR

1952 | *fora do mercado*

CARTILHA DO MARIALVA

1960 | *ensaio, 4.ª ed.*

O ANJO ANCORADO

1958 | *novela, 4.ª ed.*

JOGOS DE AZAR

1963 | *contos, 3.ª ed.*

O HÓSPEDE DE JOB

«Prémio Camilo Castelo Branco»

1963 | *romance, 4.ª ed.*

O DELFIM

1968 | *romance, 3.ª ed.*

O RENDER DOS HERÓIS

1.ª edição: *Dezembro 1960*

2.ª edição: *Fevereiro 1961*

(*ed. especial, com*

*ilustrações de Júlio Pomar*)

3.ª edição: *Setembro 1970*

---

copyright by José Cardoso Pires

## Personagens:

SARGENTO SARGENTANAS

MATAMUNDOS, *Coronel da Rainha*

REGEDOR

FISCAL DE IMPOSTOS

CEGO

DUAS COMADRES

DOUTOR GASPAR SILVEIRA, *Desembargador*

MARIA RICARDA SILVEIRA

BACHAREL ALEXANDRE

CASIMIRO JOSÉ FERREIRA, *Padre-soldado*

MARIA ANGELINA

CAVALHEIRO STANLEY

SENHORA DE STANLEY, *Baronesa do Maio*

MACDONELL

MARIA HENRIQUES

*1 Criado; 3 Soldados; 3 Guerrilheiros; 3 Camponesas*  
e

UM CHORO DE CRIANÇA

## Figuração na «Apoteose Grotesca»:

*Almirante Inglês e General Espanhol;*

*Costa Cabral e José dos Cónegos;*

*Dois Barões; Saldanha.*

O RENDIMENTO DOS HERÓIS foi levado à cena pela Companhia do Teatro Moderno de Lisboa, em Janeiro de 1965, numa encenação de Fernando Gusmão. Nos principais papéis, por ordem de entrada:

CEGO	<i>Rui de Carvalho</i>
PRIMEIRA COMADRE	<i>Maria Cristina</i>
SEGUNDA COMADRE	<i>Fernanda Alves</i>
MATAMUNDOS	<i>José Amaro</i>
SARGENTANAS	<i>Tomaz de Macedo</i>
MARIA RICARDA	<i>Carmen Dolores</i>
DESEMBARGADOR SILVEIRA	<i>Rogério Paulo</i>
PADRE CASIMIRO	<i>Jaime Santos</i>
MARIA ANGELINA	<i>Ângela Ribeiro</i>
CAVALHEIRO STANLEY	<i>Luis Cerqueira</i>
BACHAREL ALEXANDRE	<i>Rui Mendes</i>
MACDONELL	<i>Armando Caldas</i>
BARONESA STANLEY	<i>Maria Schulze</i>
REGEDOR	<i>António Sarmiento</i>
FISCAL	<i>Carlos Cabral</i>

Música original de Carlos Paredes. Cenários e figurinos de Octávio Clérigo

## Prólogo

Na noite de quinze para dezessete de Abril  
um povo dos arredores do Alto Minho deixou  
seus deuses, seus santos, e espalhou-se pela terra  
de cámaras.

Fazia luar, um luar negro, e sobre os pedes  
deus. Os seus olhos tudo escuro e morto: um  
vulto velho, vestido de veludo dos tempos  
do D. João, ornado e trabalhado pedrada e  
estrução por uma espécie de ferrugem de  
terra que lembrava cinza e musca de vidro.  
Depois de olhar das águas nas profundas  
nas das brechas; depois de olhar de ribeiro, de  
fabril das pedras e as brechas das destila-  
ções — não voltava a voltar medonha e  
tristeza.

Um piano negro, e escuro. E diante do  
piano negro apareciam-se as primeiras figu-  
ras em degredado. São duas mulheres, uma  
carnuda e a pé de ferro, outra e rogadora.

Na noite de quinze para dezasseis de Abril um povo dos confins do Alto Minho deixou casas, deixou tudo, e espalhou-se pela serrania bárbara.

Fazia luar, um luar negro, se assim se pode dizer. Cá em baixo tudo escuro e torvo: carvalhos velhos, torcidos, carvalhos dos tempos do Dilúvio, urzes e medronheiros pelados e cobertos por uma espécie de ferrugem da terra que lembrava cinza e mundos devastados. Depois o rolar das águas nas profundezas das brechas; depois os fossos de silvedo, os labirintos dos lobos e as bocarras dos desfiladeiros — tudo tornava a noite medonha e traiçoeira.

Um pano negro, a serrania. E diante do pano negro aparecem-nos as primeiras figuras em debandada. São duas mulheres, uma empunhando a pá do forno, outra a roçadoura

na ponta de um longo varapau. Mas a paisagem sinistra, o pavor, o que quizerem, agigantam estas armas a ponto de lhes darem proporções de símbolos, grandes e esguios como lanças de guerreiros.

Vendo-as parar de repente, a olhar para todos os lados, percebe-se que as mulheres chegaram a alguma encruzilhada onde têm de escolher destino. Atrás delas vêm camponeses de podoa no cinto e arma à bandoleira. E mulheres, mais mulheres: esta com o filho ao colo, aquela arrastando uma cabra, uma velha que se benze, outra que agita o bordão, sem forças para gritar. Discutem num segredar de medo. Que foi, que não foi, porque foge esta gente? Que inimigo é esse que assim escorraça um punhado de aldeões?

Ei-lo: um clarim longínquo traça a noite com o seu tocar apressado. Ouvir e fugir é obra de momentos. Salta a velha do bordão, foge a outra, desvairada, espanta-se a cabra, e não há quem não procure uma saída. Pela direita, pela esquerda, agora para a frente, agora para trás, todas esbarram com o pano

## PRÓLOGO

negro da noite e todas voltam ao ponto da encruzilhada. Tem-se a impressão de um grupo de gente dançando sobre um eirado de pólvora ao toque do cornetim que cada vez é mais forte, mais próximo.

(Conta-se que certa mocinha, na ânsia do desespero, se quis lançar a um barranco — isto é: do palco para baixo — e que a muito custo foi salva por aquela multidão tresnoitada que, bem ou mal, sempre conseguiu escapar à ameaça do feroz cornetim.)



## Primeira Parte

Que se passa  
entre 28 e 30 de Abril,  
nesse mesmo povoado  
donde partiram os fugitivos  
e a que chamaremos do Vilar  
e nalgumas serranias  
não muito longe dali.

Vilar à letra quer dizer «povoado», pouco mais que um lugarejo. Embora crescido, com regedor, igreja e padre-mestre, juridicamente aldeia, Vilar é um desses lugares abstractos e esquecidos do mundo. Não tem correio regular, ao menos de semana a semana, nem largo de feira. Tem um terreiro acanhado, com o competente cruzeiro, onde fazem alto as pobres procissões esfiapadas que, no correr do ano, vão cumprindo o calendário da diocese.

Estamos a ver a Praça: pequena e desnudada; um cruzeiro à esquerda, casa do cura à direita. E disse.

## I.

O feroz cornetim que expulsou para as serranias a gente do Vilar andou desvairado, a revolver a noite e a assoprar arrogância, até que, de um momento para o outro, se interrompeu.

Dois toques de sentido, e logo um militar, o sargento Sargentanas, indivíduo de nome feito de Braga a Vila Real, faz a sua entrada na cena da História para anunciar alguém.

*Sargentanas:*

Matamundos, Coronel da Rainha!

*Sargentanas abre o pano da noite e perfila-se: está apresentada a povoação do Vilar, resumida a um largo de cruzeiro.*

*O Coronel domina-a com os olhos. Tem diante de si um monte de armas e utensílios aos pés*

*dessa pobre cruz; um Fiscal de Impostos, muito direito, muito respeitoso, atrás da banca tosca que lhe serve de escrivaninha, colocada por baixo da janela do Padre Casimiro; e tem ainda á sua disposição um Soldado-Ordenança e um trémulo Regedor.*

*Matamundos:*

*À vontade, forças do Vilar! (O Fiscal recomeça a escrever; entra-se novamente em plena função pública.) Está pronto o arrolamento?*

*Sargentanas:*

*Ainda não, meu coronel. Desapareceram folhas do livro de assentos e tivemos que começar tudo de novo.*

*Matamundos:*

*A revista?*

*Sargentanas:*

*Pouca coisa por enquanto. Essas armas, duas sacas de enxofre em casa de um tal Cosme da Loja...*

*Fiscal, lendo a acta:*

«...Cosme Manuel da Silva, deste lugar do Vilar, em casa do qual foram apreendidas quantidades de enxofre, carvão de vide e salitre, bem como um grande almofariz de pedra, tudo levando a concluir que ali se procedia a trabalhos de fábrica de pólvora...»

*Matamundos:*

Escapou-se o sujeito, não é verdade? (*Ar comprometido do Regedor*). Claro, claro. Que mais?

*Regedor:*

Há, Excelência, o caso de um detido...

*Matamundos:*

Cale a boca. Que mais, sargento?

*Sargentanas:*

Um detido, o tal ferreiro. Recusou-se a dar alojamento às praças.

*Matamundos:*

Ah, bom! Resistência às forças da Rai-

nha? Já vamos ver isso. Quantos homens tinha ele aboletados?

*Sargentanas:*

Cinco. Quatro praças e um cabo. Alega que a casa é pequena, que não tem palha para as dormidas, e não sei mais quê.

*Matamundos:*

Investigue e passe tudo a auto. Ordenança!

*Ordenança:*

Pronto, meu coronel.

*Matamundos:*

Tu e ali o Regedor vão às casas. Que não escape uma só, entendido?

*Fiscal:*

Mas selam-se as portas. Ou não?

*Matamundos:*

Selam-se as portas, selam-se as portas. Tudo medido e contado até à última palha.

*Regedor:*

Agora, tarde vindima.

*Sargentanas:*

Como?

*Regedor:*

Nada. Queria eu dizer que não vamos encontrar coisa de préstimo. Este povo teve tempo de rasgar os registos das décimas, quanto mais...

*Sargentanas:*

Quanto mais o quê?

*Regedor:*

Nada... eu só queria explicar...

*Matamundos:*

Explica nada. Obedeça.

*Regedor:*

Queira desculpar.

*Fiscal:*

E testemunhas, senhor coronel?

*Matamundos:*

Para quê testemunhas? Não vão em nome das forças regulares?

*Fiscal:*

Sempre seria mais legal. Com duas testemunhas não há alegação que resista.

*Matamundos:*

Concordo. O legal é legal. Arranje duas testemunhas, regedor.

*Sargentanas:*

Uma já você tem.

*Regedor:*

Uma, qual?

*Sargentanas:*

A ordenança.



*Ordenança:*

Eu, meu sargento?

*Sargentanas:*

E então? Assinas com o nome civil.

*Regedor:*

De toda a maneira falta uma. A não ser que o ferreiro...

*Matamunhos:*

Não, senhor. Um detido é um detido.

*Fiscal:*

Absolutamente. Ou bem que se cumpre a lei, ou bem...

*Matamundos:*

Ah, mas tem de se cumprir! Comigo não há outro remédio.

*Entra um Cego apoiado num bordão, cantarelhando ao acaso. Carrega uma viola e ao pescoço*

*traz um letreiro: «NUNCA VI A LUZ DO DIA, MINHA SOMBRA DESCONHEÇO». De bernal, manta e lata de azeite, todo ele é trapos e sujidade.*

*Cego:*

Santas tardes vos dê Deus, salvação para as vossas almas.

*Sargentanas:*

Some-te, desgraçado.

*Regedor, muito pronto a apontar o Cego:*

Talvez aquele, Excelência.

*Matamundos, voltando a cara, enojado:*

Não me incomode.

*Regedor, deitando a mão ao Cego:*

Posso levá-lo?

*Fiscal:*

Mas é um cego, Excelência! (*Matamundos vira ainda mais a cara; fica quase de costas.*)

*Regedor:*

Não o levo?

*Sargentanas:*

Homem, desenrasque-se.

*Regedor:*

Nesse caso...

*Sargentanas:*

Raios partam a conversa! (*Atira tamanho empurrão ao Regedor que o lança, com Cego e tudo, para fora de cena.*) Por causa das hesitações é que isto chegou ao que chegou.

*Fiscal:*

Também digo. E nós, se não nos despacharmos, tramamo-nos. O arrolamento, para ficar pronto hoje, tem de ser fechado ao pôr-do-sol. Pelo menos, segundo a lei.

*Matamundos:*

Segundo a lei e segundo nós. Estamos aqui para fazer com que a lei se cumpra.

*Fiscal:*

Absolutamente.

*Sargentanas:*

Lei é lei e nada de espertalhices. Ouvia bem, nosso fiscal?

*Fiscal:*

Absolutamente. Estamos aqui para que a lei se cumpra. Absolutamente.

*Sargentanas:*

Ordenança! Vá ter com o Regedor.

*Precisamente quando o Soldado-Ordenança deixa o terreiro do Vilar choca-se com ele o Cego, que vem esbaforido, a fugir do Regedor, e se encaminha para a beira do palco. Ali, a ofegar e já agarrado pelo Soldado e pelo Regedor, abre-se num desabafo de espanto:*

«A Maria Henriques!»

*Disse isto numa voz segredada mas forte, voz de revelação. E logo os dois algozes que o agar-*

*ram lhe tapam a boca e o levam outra vez para fora do terreiro.*

*Matamundos, meio de costas, ignora ostensivamente a cena.*

*Matamundos, sem se voltar:*

*Sargento, quem é essa Maria Henriques?*

*Regedor, aparecendo só com a cabeça, mas notando-se que continua a debater-se com o Cego para o dominar:*

*Uma velha. Não regula bem, Excelência!*

*Sargentanas, cortando-lhe a frase com um empurrão que o atira lá para fora:*

*É a tal das trovas políticas, meu Coronel.*

*Fiscal, consulta um auto:*

*Exactamente. «Cantos imorais contra as casas da justiça e contra a pessoa dos ministros...»*

*Ouve-se a*

*Voz de Maria Henriques:*

*Comem as searas os pardais  
É por culpa dos Cabrais.*

acaba de verificar-se? (*Estendendo autoritariamente o braço na direcção do Fiscal*): Pergunta-se.

*Fiscal:*

Vossa Excelência disse «testemunhos»?

*Matamundos, ainda de braço estendido:*

Pergunta-se...

*Sargentanas, baixinho:*

Responda...

*Fiscal:*

Mas eu não sei a que testemunhas ele se refere.

*Matamundos, sempre de braço estendido, olhos no chão:*

Responda aos quesitos...

*Fiscal:*

Sim, senhor, respondo aos quesitos. Juro por Deus e pela minha honra...

*Sargentanas:*

Homem, não é preciso. Responda aos quesitos.

*Fiscal:*

É isso, respondo aos quesitos. Juro... dou a minha palavra de honra que não havia outras testemunhas, além de mim, Leonardo Marques Borrego, e do escrivão de Fazenda, António Maria Possolo.

*Matamundos, deixando cair o braço, com desalento:*

Pronto, lá vêm as complicações. Quem falou aqui em testemunhas? Responda ao que lhe perguntei e mais nada.

*Fiscal:*

Pois é... Eu também achei esquisito. Testemunhas, assim testemunhas, não houve. Nem eu nem o escrivão podemos testemunhar porque somos vítimas, e não testemunhas. Vítimas em defesa da lei e da rainha.

*Matamundos:*

Já cá se sabe, já cá se sabe. Mas, além do que contou, não declara mais nada? Não

tem testemunhos... «testemunhos», ouviu bem? Não sabe mais nada que permita identificar os cabeças da revolta?

*Fiscal:*

Tudo quanto sei já disse a Vossa Excelência e ao senhor sargento aqui presente. Lembro-me de uma rapariga que vinha adiante, mas Vossa Excelência compreende que naquela situação...

*Matamundos:*

Compreendo coisíssima nenhuma. Que quer o senhor que eu compreenda? Deitam-no às balsas, roubam-lhe documentos do Estado, mijam-lhe em cima, e ainda quer que eu compreenda alguma coisa? Ou acha assim tão difícil reconhecer uma velha no meio de uma dúzia de galdérias?

*Fiscal.*

Uma dúzia? É bom de dizer, senhor coronel. Se Vossa Excelência tivesse assistido não falaria assim. Uma dúzia? Uma matilha, senhor coronel, uma matilha de saias em cima